

Em terras paranaenses, o lado direito e branco manda recolher “O avesso da pele” e impõe censura e *fakenews*, *again!*

Maria Julieta Batista de Almeida Weber (UEPG)

A mais nova ação do governo paranaense para a área da educação veio em formato de censura. Sim, em pleno regime democrático, *again!* “O avesso da pele” é de autoria do escritor, professor e pesquisador, Jeferson Tenório, nascido no Rio de Janeiro em 1977 e com formação graduada e pós-graduada na área de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Publicado em 2020 pela Companhia das Letras, o livro tem como sinopse a história de Pedro, cujo pai foi assassinado durante uma abordagem policial. Vencedor do Prêmio Jabuti em 2021 e referenciado pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), o romance aborda questões como racismo, violência e desigualdade social, tratando de relações familiares, afetivas e, de forma especial, algumas vivências da juventude, daí ser voltado para estudantes do Ensino Médio. Pois bem, este é o livro que foi mandado recolher das escolas públicas do Paraná, juntamente com outros governos estaduais que seguem, ainda, a mesma cartilha que apregoa o lado direito e branco da história.

O governador Carlos Roberto Massa Júnior, o Ratinho Júnior, não participou da manifestação de 25 de fevereiro de 2024 na Avenida Paulista (SP), convocada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, o inelegível e alvo de várias investigações, desde (ainda pasmemos) fraude em cartões de vacinação (!) à tentativa de golpe de Estado. Mas ainda que não estivesse no palanque de forma presencial, o governador continua a seguir à risca investidas do tipo *fakenews*, de modo a desmerecer programas educacionais que se debruçam à análise de temáticas e conteúdos de relevância fundamental à formação crítica de estudantes das escolas públicas, como é o caso do PNLD, que se define por um conjunto de ações (e materiais) voltados para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias.

Importante ressaltar que a trajetória familiar do governador Ratinho Júnior (PSD), nascido em Jandaia do Sul em 1981, pode ser considerada, a partir de parâmetros estruturais de análise política sobre genealogia e poder familiar no Paraná, pela caracterização de “novos ricos”, pois ainda que Ratinho Júnior não tenha a tradição e o lastro elitista familiar, é herdeiro direto da trajetória do pai, Carlos Roberto Massa, o Ratinho, proprietário do Grupo Massa, grupo este constituído por um amplo conglomerado empresarial da comunicação, da gestão e do agronegócio no Paraná. O filho, Ratinho Júnior, diplomado no Ensino Superior em Marketing e Propaganda pela então Faculdade Internacional de Curitiba, tem mantido um governo bastante conflituoso para com a educação pública do Paraná. No que se refere à educação pública superior, necessário lembrar um fato, afinal não tão alardeado pelas mídias: a aprovação da Lei Geral das Universidades (LGU) às pressas e justamente no ano de 2021, período alarmante da pandemia de *Covid-19* (mesmo período, conforme referido anteriormente, que o ex-presidente fraudou cartões de vacinação). A LGU, lei inconstitucional já que interfere diretamente na autonomia universitária, prevista no art. 207 da Constituição da República e no art. 180 da Constituição do Paraná, não somente centraliza recursos e investimentos da Educação Superior, como está sistematicamente cerceando a manutenção do quadro de servidores das universidades públicas no Paraná, o que pode ser observado tanto pelo aumento da porcentagem de servidores temporários, docentes e agentes universitários, quanto, inclusive, pela visível impossibilidade de reposição efetiva (e por vezes também temporária) daquele(a)s que já se aposentaram e irão se aposentar.

Para concluir, pergunta-se a quem interessa uma universidade sem autonomia? Da mesma forma, a quem interessa o boicote ao PNLD? A quem interessa a censura de um livro que denuncia o racismo de forma plena e talentosa? Que governo é este? Será que voltaremos a censurar e reduzir obras, enquadrando-as de forma totalmente equivocada ao isolar vocábulos cotidianos de contextos narrativos amplos e complexos? Tal censura faz lembrar (*again!*) de um passado em que a idealização de um Paraná loiro e europeu se consubstanciou por um tipo de representação identitária que consagrava como leitura referencial “Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná”, publicado primeiramente em 1955. O autor, o crítico literário Wilson Martins (1921-2010) inspirou, inclusive, separatismos do tipo “O Sul é meu país”, lema utilizado em adesivos de carros e caminhonetes em campanhas eleitorais recentes. Questões necessárias que certamente o livro de Jeferson Tenório auxiliará a compreender, assim como tantas outras questões fundamentais aos nossos dias. Vamos lê-lo! Por menos lados direitos e mais avessos da pele!